

# Boletim Internacional



Ano VI n° 39 19.10.2006

## Atentado contra metalurgico no Peru

CEMETAL denuncia atentado contra dirigente metalúrgico Oscar Macavilca

Por Alejandro Dávila e Juana Escalante (\*)



A Central Nacional de Trabajadores Industriales del Metal y Electromecánica del Perú (CEMETAL), expressa a sua comoção e o seu horror pelo atentado criminoso contra nosso PRESIDENTE, o companheiro OSCAR MACAVILCA, fato ocorrido na madrugada do dia 15, segunda-feira na interseção das avenidas Tomás Valle e Universitaria no Distrito del San Martín de Porras, quando o veículo particular no qual ele dirigia-se para casa foi interceptado por duas camionetas 4X4 com vidros escuros e sem placas, aparecendo varias pessoas de aparência militar que atacaram brutalmente nosso dirigente, deixando-o inconsciente em plena via publica.

Alertados pela população indignada, os paramédicos de Bomberos Voluntarios do local lhe ofereceram os primeiros auxílios, sendo posteriormente levado ao centro de EsSalud, onde foi atendido cirurgicamente pelas profundas feridas no rosto e no corpo do dirigente sindical.

O CEMETAL condena estes atos que não tem qualquer justificativa. No domingo o companheiro Oscar Macavilca tinha convocado uma Assembléia Nacional de Delegados para determinar os alcances da "PLATAFORMA DE EMERGÊNCIA DEL SECTOR MINERO Y DEL METAL" que deveria ser defendida e debatida no Ministério do Trabalho e Promoção Social na próxima quarta-feira às 5 horas da tarde.

O CEMETAL deplora e condena estes atentados contra nosso dirigente sindical, além da perseguição política e trabalhista que é objeto, precisamente por sua tenaz luta em defesa dos direitos trabalhistas e sociais dos trabalhadores sub-contratados das ETN, pela readmissão de centenas de trabalhadores metalúrgicos das Pequenas e Médias Empresas e por sua manifesta solidariedade com os trabalhadores mineiros e metalúrgicos da região e de todo o MUNDO. Exige ao Ministério do Interior uma exaustiva investigação para que se sancione os responsáveis desta inexplicável agressão que podia ter custado a vida do companheiro OSCAR MACAVILCA.

O CEMETAL declara enfaticamente que todas as ameaças provenientes das forças obscuras repressivas :

**JAMAIS NOS INTIMIDARÃO....!**

**VIVA O PROLETARIADO METALÚRGICO**

(\*) vice-presidente e secretaria internacional do CEMETAL

**A FITIM repudiou atentado contra dirigente metalúrgico**

Tendo tomado conhecimento do grave atentado sofrido pelo nosso companheiro peruano Oscar Macavilca, a FITIM enviou carta de solidariedade ao CEMETAL e pediu para todos os sindicatos filiados enviem cartas de protesto às embaixadas peruanas. Ao mesmo tempo ela enviou nota de protesto ao Ministério do Interior do Peru.

## 11 de Dezembro : Apelo por Justiça no México

Os sindicatos afiliados à FITIM estão organizando um dia de protesto contra as grosseiras violações dos direitos sindicais que o governo mexicano vem cometendo contra Napoleon Gomez e o sindicato dos mineiros.

Como parte do compromisso do Comitê Executivo da FITIM em apoiar Napoleon Gomez e os mineiros mexicanos, a Federação Internacional dos Metalúrgicos está chamando aos seus filiados para participar de um Apelo por Justiça nas embaixadas e consulados do México em todo o mundo na segunda-feira, 11 de dezembro, no espírito do Dia Internacional dos Direitos Humanos (10 de dezembro).

Napoleon Gomez, o secretário geral democraticamente eleito do Sindicato Nacional dos Mineiros e Metalúrgicos (SNTMMSRM) foi removido compulsoriamente de seu cargo em março de 2006 depois de falar contra o governo mexicano e a companhia mineradora diante do trágico acidente na mina de Pasta de Conchos quando morreram 65 mineiros.

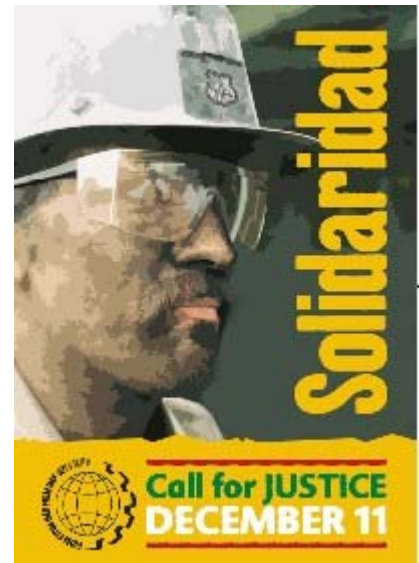
O governo impôs arbitrariamente um novo secretario geral, que sequer é associado ao sindicato, e confiscou todos os bens do SNTMMSRM e de Gomez

Em março a FITIM apresentou uma queixa na OIT contra o governo mexicano quanto à violações da CONvenção 87 .

Apesar da pressão internacional da FITIM e de nossos filiados, o governo mexicano ainda não investigou plenamente as circunstancias da explosão e a empresa precisa ainda resgatar 64 dos 65 corpos e nenhuma parte tomou a responsabilidade pela devastadora explosão - a pior no país em 30 anos. Entretanto, um informe da Comissão Nacional Mexicana dos Direitos Humanos, um organismo independente que investigou o acidente, confirmou as grosseira negligencia governamental quanto a segurança nas minas.

Em julho um a delegação da FITIM visitou o México para investigar tanto as circunstâncias do acidente na mina quanto a interferência governamental nos assuntos sindicais. As conclusões da missão, bem como mais informações sobre o país, estão colocadas na pagina da FITIM - [www.imfmetal.org/Mexico](http://www.imfmetal.org/Mexico) .

"Participando do Apelo por Justiça de 11 de Dezembro, as afiliadas reafirmam nossa força global como metalúrgicos e sindicalistas", disse o secretario geral Marcello Malentacchi. "A luta pela autonomia sindical não é apenas uma questão para os trabalhadores mexicanos, mas para todos os sindicatos no mundo". (FITIM)



## 23 milhões de pessoas contra a pobreza

Mais de 23 milhões de pessoas saem às ruas contra a pobreza



Terça-feira, 17 de outubro, foi Dia Internacional de Combate à Pobreza. Mais de 23,5 milhões de pessoas em 100 países participaram de manifestações por políticas públicas para que as Metas do Milênio possam ser atingidas.

Dezenove anos depois da memorável manifestação contra a pobreza em Paris convocada pelo padre Joseph Wresinski, a qual, em outubro de 1987, levou mais de 100 mil pessoas a tomarem a Praça Trocadero para homenagear as vítimas da extrema pobreza, da fome e da violência no mundo, o dia 17 de outubro de 2006 bateu o recorde (segundo o instituto Guinness World Records) de uma manifestação mundial

conjunta, com mais de 23,5 milhões de pessoas participando de atos contra a pobreza em cerca de 100 países.

Eleito ainda em 1987 pela ONU como o Dia Mundial de Combate à Pobreza Extrema, este ano o 17 de outubro foi o ponto alto da campanha Chamada Global de Ação contra a Pobreza (GCAP, na sigla em inglês), lançada oficialmente pelo presidente Lula durante o Fórum Social Mundial de 2005 em Porto Alegre e que congrega várias ONGs internacionais de ajuda humanitária e direitos humanos.

Segundo Fernanda Carvalho, socióloga e pesquisadora do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase, coordenador do GCAP no Brasil), a campanha foi pensada para durar inicialmente um ano.

“2005 era ano de revisão das metas do milênio. A Chamada Global foi pensada como mobilização da sociedade civil que fizesse pressão sobre os governos para que tomassem medidas concretas para que se cumprissem as Metas do Milênio. Como foi o mesmo ano da reunião da Organização Mundial do Comércio, decidimos pressionar o organismo para que levasse em consideração os países mais pobres e em desenvolvimento”, explica Fernanda.

Mas a os poucos avanços dos Estados individualmente e dos organismos e instituições internacionais e multilaterais, no sentido viabilizar a redução de 50% dos índices de pobreza no mundo em 2015, como requerem as Metas do Milênio, ficou evidenciado na revisão do acordo. “Na revisão das metas se viu que os países não estavam fazendo esforço necessário para mudanças estruturais que combatessem efetivamente a pobreza extrema. O perdão das dívidas [dos países mais pobres, anunciado em 2005] pelo G-8 foi limitado, diante do pedido de 100% do financiamento da dívida. A iniciativa multilateral para o perdão da dívida foi para 19 países que terão entre 21% e 79% da dívida cancelada. Mas o que foi perdoado são aquelas dívidas que não seriam pagas de jeito nenhum” pondera a pesquisadora.

Em março deste ano, o GCAP decidiu pela continuidade da mobilização focada na pressão sobre os governos por políticas públicas de erradicação da pobreza e redução das desigualdades, relações comerciais e financeiras mais justas e perdão das dívidas dos países mais pobres.

## Brasil

No Brasil, onde, segundo o Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc), 52 milhões de pessoas vivem na pobreza - e destas 1/3 está em situação de miséria -, o foco da GCAP tem sido combater os mecanismos de concentração de renda e riqueza como principal causador da pobreza, por um lado, e por outro a luta pelas reformas agrária e tributária como instrumento de distribuição de renda e por políticas de promoção da igualdade de gênero e raça.

Na mesma direção, organizações feministas articuladas na Marcha Mundial das Mulheres (MMM) realizaram uma série de manifestações nesta terça, uma vez que cerca de 70% das pessoas atingidas pela pobreza no mundo são do sexo feminino. Segundo a coordenação da Marcha, houve protestos no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Mossoró, Rio Grande do Norte, e em Parintins, Amazonas, reunindo no total mais de 3 mil ativistas.

Segundo Sonia Coelho, membro da ONG Sempreviva Organização Feminista (SOF) em São Paulo, os protestos visaram principalmente empresas multinacionais que tem burlado sistematicamente as legislações trabalhistas no emprego da mão de obra feminina irregular. Como exemplo, Sonia cita a empresa de cosméticos Avon, pioneira na utilização de vendedoras autônomas. Desenvolvendo o conceito de “renda complementar”, a empresa utilizaria hoje a mão de obra de cerca de 500 mil “revendedoras” no país, mulheres que acabam tendo na atividade sua única forma de renda. Sem gozar dos direitos trabalhistas assegurados por lei, este trabalho seria altamente lucrativo para a empresa e manteria as mulheres numa situação indefinida de submissão.

Para Nalu Faria, membro da coordenação da MMM no Brasil, o problema da exploração do trabalho feminino “invisível e subvalorizado”, tem de ser combatido política e estruturalmente. Nesse sentido, poderiam ser contrapostas as iniciativas que buscam despertar nas mulheres o “espírito empreendedor” do trabalho autônomo e precarizado, disseminadas em larga escala pelo modelo neoliberal, e os projetos de economia solidária, onde o processo organizativo reforça a politização e a busca de direitos das trabalhadoras.

“É preciso combater o simples gerenciamento da pobreza. Como, por exemplo, a luta pela regulamentação da profissão da prostituta ao invés de questionar a condição à que as mulheres são submetidas. A Luta por transformações estruturais se dá no cotidiano, como o aumento do salário mínimo, uma das bandeiras da Marcha. Hoje a classe média brasileira é contra o aumento do salário porque ficaria caro manter uma empregada doméstica, por exemplo. A questão é que temos que defender o direito de todas as mulheres, o que significa combater situações onde mulheres repassam trabalhos menos valorizados para outras mulheres mais vulneráveis”, explica Nalu. (Jonas Valente e Verena Glass) (Fotos Marcha Mundial de Mulheres) (*Carta Maior*, 18.10.2006)

## Rubens Ricupero : Teatro do absurdo

É RARO que as três principais potências do Ocidente, Estados Unidos, Inglaterra e França, vivam, ao mesmo tempo, a experiência penosa de governos que agonizam em meio a crescente descrédito. Bush, Blair e Chirac preparam-se para deixar a cena da tragicomédia do mundo, sob vaias e impaciência do público.

Completa-se a mudança de elenco iniciada com as substituições de Aznar, na Espanha, Schroeder, na Alemanha, Berlusconi, na Itália, Saddam, no Iraque, Sharon, em Israel, e Koizumi, no Japão, sem esquecer o papa João Paulo 2º, no Vaticano, e Kofi Annan, na ONU.

Até Fidel, o veterano que se eternizava numa ponta de vilão secundário, cede com relutância o lugar a ator de talento que vem ensaiando toda semana no programa "Alô Presidente", em Caracas, e acaba de estreiar com estrondo na tribuna das Nações Unidas.

Mesmo sem conhecer quem fará os três papéis centrais (e é possível que haja uma ou duas atrizes entre as futuras escolhas na França e nos Estados Unidos), a renovação do elenco não garante que se altere o enredo, dominado por dois episódios dos primeiros atos: os atentados de 11 de setembro e as invasões do Afeganistão e do Iraque. A não ser que o anônimo autor se inspire em Pirandello e dê alguma liberdade aos atores, como em "Nesta noite se improvisa".

Ainda em tal hipótese, não será fácil aos novos desvencilharem-se do emaranhado criado pelos atuais canastrões. O primeiro ator, por exemplo, herdou do predecessor, Clinton, um país sem déficits e sem guerras e deixa ao sucessor déficits colossais e duas guerras sem perspectivas de acabar.

A trama não parece ter nenhuma lógica. Logo após os atentados, Bush desviou a atenção da conspiração Al Qaeda para focalizá-la em três vilões de domicílio conhecido, acusados de buscarem armas de destruição maciça e formarem o tenebroso Eixo do Mal.

O propósito da ação seria facilitar a liquidação, uma após outra, dessas ameaças encarnadas em países definidos, para assim melhor extirpar a anônima e invisível conspiração terrorista.

Ora, vários atos depois, a confusão aumentou. O Iraque, número um do Eixo a ser atacado, não tinha terrorismo e agora tem para consumo próprio e para exportar mediante treinamento de novos talentos.

Segundo estimativa recente, já morreram 650 mil não-combatentes (1 em cada 40 iraquianos) e a guerra civil nem começou. Além do mais, era o único dos três que tinha de fato abandonado os denunciados programas de armas.

Não admira que os outros, deduzindo que o colega havia sido atacado porque ladrava mas não mordida, decidiram acelerar o esforço para dotar-se de dentes. A Coreia do Norte já explodiu sua bomba, ao passo que o Irã tenta armar-se enquanto é tempo.

Bush e acólitos, Cheney e Rumsfeld, continuam a ameaçar, mas seus próprios generais começam a rebelar-se de público. Ao mesmo tempo, as cinco agências de inteligência concluem que a invasão do Iraque foi um prato feito para os terroristas.

Aonde quer chegar o autor com enredo que parece não deixar saída para o herói?

O segundo ator, Blair, é mais talentoso que o primeiro, mas permitiu que este lhe roubasse todas as cenas, de modo que até seus fãs o abandonaram e reclamam que ele se apresse em deixar o palco.

O terceiro coadjuvante teve de engolir que seu país rejeitasse a Constituição européia, idealizada por outro ex-presidente francês. Dos demais protagonistas, o mais rasputiniano, Putin, está demasiado ocupado em representar Ricardo 3º em seu quintal como "peça dentro da peça". O chinês, com oriental impenetrabilidade, arquiteta em silêncio o momento de ocupar a cena principal. É tamanha a incoerência do enredo que, mais do que o teatro, o que ele evoca são os novelões de outrora.

Como em "La Tía Julia y el Escribidor", de Vargas Llosa, no qual Pedro Camacho, o escrevinhador, se emaranha em tal barafunda que só encontra uma solução: convidar os personagens a um casamento e soterrá-los todos no terremoto que destrói a igreja. Será esse o destino do teatro do mundo? A ponto de não sobrar nem sequer o "maestro suggeritore" para anunciar: "La commedia è finita"?

RUBENS RICUPERO, 69, diretor da Faculdade de Economia da Faap e do Instituto Fernand Braudel de São Paulo, foi secretário-geral da Unctad (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento) e ministro da Fazenda (governo Itamar Franco). Escreve quinzenalmente, aos domingos, nesta coluna. (Folha de S.Paulo, 15.10.2006)